

Introdução: Questões pessoais (1.8-15)

Franklin Ferreira

Neste intróito, Paulo apresenta seu anseio em estar com os irmãos de Roma (segundo Stephen Neill, “ela era a cidade eterna que havia lhes dado paz, a fonte da lei, o centro da civilização, a Meca dos poetas, oradores e artistas” e ao mesmo tempo, “abrigava todo tipo de idolatria”). O apóstolo manifesta humildade, ao dizer que pretende trocar experiências e conforto espiritual recíproco.

8: Assim como é por intermédio de Cristo que a graça de Deus é comunicada aos homens (Rm 1.5), também é por intermédio de Cristo que a gratidão dos homens é comunicada a Deus. A obra mediadora de Cristo é exercida tanto para com Deus como para com o homem. Para Paulo, a certeza da fé é mais importante que outras realizações. Os cristãos em Roma foram honrados com a pública aprovação da Igreja (1Ts 1.8): “Onde quer que a igreja chegasse, chegava também a notícia de que havia cristãos na capital E, embora Paulo não tivesse sido o responsável por anunciar-lhes o evangelho, isso não o impedia de dar graças porque Roma havia sido evangelizada” (John Stott). “Meu Deus”: *Christus pro me* (Lutero).

9: Um apelo para que Deus confirme o que ele vai dizer (2Co 1.23). Seu juramento é sinal de sua dedicação integral ao evangelho. “Sirvo” pode ser traduzido como “honro” (K. Barth) ou “adoro”, “cultuo” – *latreúuw*: culto, adoração, cf. Rm 1.25. “Meu espírito”: coração devoto. Toda a vida de Paulo é marcada por honestidade e retidão, como um “culto espiritual”. “A ressurreição provou o seu poder: também em Roma há cristãos!” (K. Barth)

10a: “Faço menção de vós [sempre] em todas as minhas orações”. As orações de Paulo: Rm 1.8-15; 15.5-6, 13, 30-32; 16.15-17, 20. No ministério apostólico de Paulo, pregação e oração andam de mãos dadas. Suas orações ultrapassam o círculo imediato de suas relações pessoais.

A vida paulina de oração e amizade: Na vida de Paulo, sua obra e suas amizades eram sempre misturadas com a oração. Suas cartas, as quais escreveu apaixonada e afetuosamente, regadas pela oração, revelam esse dinamismo entre oração e amizade. Paulo vivia praticamente de joelhos, na presença do Senhor. Em sua própria vida, a oração e o ensino eram integrados, e ele jamais encorajou, a quem quer que fosse, a separar esses dois elementos (1Ts 5.17). A personalidade inteira de Paulo era formada pelo seu senso permanente da presença de Deus. Ele incorporava tudo quanto significa alguém ser pessoa dedicada à oração. Alguns elementos das orações paulinas: saudades com oração (Rm 16.3-16), espírito de gratidão (Fp 4.13), a certeza de ter as petições atendidas (2Co 1.3-4; Ef 1.3; Rm 15.30-32; 1Ts 2.17-18; 3.10), teologia misturada com oração (Ef 1.15-18; 3.18-19) e louvor: a conclusão da oração (Ef 3.14-21).

James Houston: “Entretanto, não devemos pensar que Paulo categorizava nitidamente as suas orações. As trinta ou quarenta orações que ele escreveu em suas epístolas não podem ser divididas em tipos ou categorias. Ele movia-se facilmente de ações de graças para o ensino, para a oração e para as advertências. Suas epístolas incluem orações de bênção, de ação de graças por orações que tinham sido respondidas, ações de graças misturadas com pedidos, saudações e ensinamentos, orações feitas em favor das necessidades de outras pessoas, orações que manifestavam desejos por outras pessoas, e pedidos de oração por suas próprias necessidades. Tudo isso indica o escopo e a densidade da experiência diária de Paulo com Deus. Essa lista também poderia incluir suas explosões de louvor a Deus, os antigos hinos que ele inclui em suas epístolas, e suas citações extraídas de Salmos do Antigo Testamento”.

10b: “E há em sua oração um pedido específico: que *agora, finalmente, pela vontade de Deus* (isto é, se for da sua vontade), *seja aberto o caminho* para que ele possa visitá-los. É uma tentativa de petição humilde. Não se vê aqui qualquer pretensão de impor sua vontade a Deus, nem de saber qual será a vontade de Deus. Pelo contrário, ele submete sua vontade à de Deus” (John Stott).

11: “Repartir”: compartilhar (1Co 12.11; Rm 12.3) – não apenas escrever um tratado doutrinal, mas aconselhar pessoalmente. “Dom espiritual” (*charisma*): uso mais geral, significando pregação ou exortação.

12: “Confortemos”: exortemos, consolemos, encorajemos. Ele espera tanto receber como dar: “Este anseio tem razão de ser. Peregrinos que se encontram na estrada que leva a Deus, têm sobre o que trocar idéias... entre cristãos não é apropriado perguntar se ‘vem de ti ou vem de mim’, pois não vem nem de ti nem de mim, porque nada temos (K. Barth)”.

13: “No que tenho sido, até agora, impedido” (2Tes 2.7): Paulo sempre buscava semear em terra virgem (15.20-22) – mas e sua visão em Trôade (At 16.6-10)? “Aprendemos disto que o Senhor freqüentemente frustra os propósitos de seus santos com o fim de humilhá-los, e através de tal humilhação ensinar-lhes a se sujeitarem à sua providência da qual dependem” (João Calvino). “Fruto”: promover a glória do Senhor. John Murray: “A idéia expressa é a de colher frutos, não de cultivá-los”, isto é, ele espera ganhar alguns convertidos em Roma “Nada mais apropriado para o apóstolo dos gentios do que engajar-se numa colheita espiritual na capital do mundo gentílico” (John Stott).

14: “Sábios” e “ignorantes”: Erasmo de Roterdã: cultos e incultos – os incultos não devem ser excluídos da fé, nem os cultos evitá-los. “Pode ser que os dois pares de palavras indiquem contraste dentro de um mesmo grupo, ou então que o primeiro aponte para diferenças de nacionalidade, cultura e linguagem, enquanto o segundo seria uma alusão a diferenças de inteligência e educação. De qualquer maneira, essas duas expressões, juntas, cobrem a totalidade do mundo dos gentios” (Stott).

15: “sou devedor” (1.14) e “estou pronto a anunciar o evangelho [da salvação]”: “As pessoas hoje em dia tendem a encarar a evangelização como uma opção extra e (se é que se dispõe a considerá-la) acham que estão prestando um favor a Deus; Paulo, porém, fala na evangelização como uma obrigação” (Stott).